
**PERSPECTIVA HISTÓRICA
SOBRE A EVOLUÇÃO DO FENÓMENO GUERRA**

António Eduardo Q. Martins Barrento

PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A EVOLUÇÃO DO FENÓMENO GUERRA (*)

1. INTRODUÇÃO

Para apresentar uma perspectiva histórica de um fenómeno tão complexo como a Guerra, em que a própria História se confunde tantas vezes com a história da guerra, parece adequado que, num primeiro passo, situemos o problema e tracemos uma metodologia. Só assim haverá uma certa garantia de nos não perdermos, ao mesmo tempo que procuramos uma orientação que permita, por um esforço de síntese, alcançar uma visão global e concisa.

Tratando-se da guerra, parece legítimo começarmos pela invocação do estudo «DA GUERRA», de Clausewitz, porque, sendo uma obra que gerou discípulos obedientes e opositores exaltados, é sem dúvida um padrão do pensamento polemológico.

Relembremos duas definições do «Tratado».

No final do Livro I surge aquilo a que alguns chamam a definição trinitária de guerra e que, em nosso entender, não é mais que a caracterização dos seus elementos dominantes. Escreveu o autor:

«(a guerra é)... uma surpreendente trindade em que se encontra, primeiro que tudo, a *violência original* do seu elemento, o ódio e animosidade, que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois, o *jogo das probabilidades e do acaso*, que fazem dela uma livre actividade da alma, e, finalmente, a sua *natureza subordinada de instrumento da política...*»

Logo, uma surpreendente trindade onde a violência, o ódio e a animosidade representam o universo emocional, do sentir; o jogo das probabilidades e do acaso, o universo lúdico e indeterminado; e a subor-

(*) O presente artigo é uma aproximação escrita da conferência realizada no Instituto da Defesa Nacional, aos auditores do Curso de Defesa Nacional de 1982/83.

dinação à política, o universo racional. Curiosamente, esta trindade surge também em Camões quando comenta a sua experiência da vida, dizendo: «erros meus, má fortuna, amor ardente». Os «erros» pertenciam ao mundo racional, do homem que faz livremente as suas opções; a «má fortuna» era a pertinaz manifestação do acaso; e o «amor ardente» a contribuição do mundo emocional onde se cruzam o ódio, o amor, a paixão.

Porque a guerra e a vida do poeta são fenómenos diversos, a primeira um acto colectivo e eminentemente violento, e a segunda um evento singular de violência variável mas não determinante, porquê esta semelhança? Talvez porque nos dois casos o agente é o homem; porque ambos se ligam à existência (logo, à sobrevivência), num caso do «homem atómico» que é Camões, no outro, do «homem molecular» que é o grupo político; e porque na definição e no verso está presente aquilo que o homem não controla e o transcende — o imponderável, o acaso.

Desta primeira definição queremos reter duas ideias: que na guerra há um empenhamento muito nítido da política, como terceira pessoa da referida trindade, o que levou Aron a designar a frase, «A Guerra é a continuação da política por outros meios», como «A Fórmula»; que na guerra a técnica tem um lugar preponderante, porque aumenta a capacidade do homem como agente histórico e, permitindo-lhe um maior domínio do universo, faz diminuir a margem do acaso, restringindo o indeterminado.

Vejamos agora a definição monista:

«A guerra é um acto de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade.»

No fundo, um cenário de violência; na forma, uma oposição, um duelo de vontades; na finalidade, fazer ajoelhar o adversário; nos meios utilizados, um verbo, uma acção — coagir.

Juntando os aspectos conclusivos das duas definições poderemos dizer que a guerra emerge num cenário de violência, está enquadrada pela política e pela técnica, e carece de instrumentos de coacção, de vontade e de aptidão. A política, através da vontade, cria e dirige os instrumentos de coacção; a técnica procura a aptidão coactiva, gerando os meios necessários à guerra, rendibilizando-os e aperfeiçoando-os.

Se admitirmos este quadro, parece natural que, ao ensaiarmos uma perspectiva histórica sobre a evolução do fenómeno, procuremos realçar o desenvolvimento verificado nos instrumentos de coacção, tendo presente as contribuições da Política e da Técnica que os influenciaram. É esta a metodologia que propomos seguir, que não sendo original (já a vimos utilizada por Eric Muraise na «Introduction à l'Histoire Militaire» e por Loureiro dos Santos nesse importante livro que transcende o seu título infeliz, «Apontamentos de História para Militares»), parece todavia ajustada.

Na impossibilidade de desfolharmos o tempo, num trabalho de espaço tão limitado, vamos focalizar a nossa atenção em certos momentos que nos apareceram como mais notáveis, apesar da contribuição que assumimos para desvirtuar a imagem de continuidade que é inerente à própria História. Além disso, porque nos socorremos, frequentemente, dum excessivo sintetismo, duma visão europeia dos acontecimentos e de certos símbolos (sem contudo, cremos, atingir o limiar da violência intelectual) não ficamos imunes às críticas de rigor.

Preferimos, porém, uma perspectiva de base menos histórica a uma pesadamente histórica, que excederia a nossa formação e onde possivelmente se perderia de perspectiva a própria guerra. Enfim, foi um risco que deliberadamente corremos com a intenção sã de buscarmos a simplicidade e a clareza que atenuem a densidade da matéria.

2. PERÍODOS

a. *Antes da História*

Ortega y Gasset descreveu-nos o seguinte mito: certo dia, perdido nas profundezas do tempo, um grupo de jovens resolveu isolar-se dos restantes homens e viver em comunidade; pretendendo fazer perdurar no tempo a comunidade criada, um deles, mais audacioso, levou os companheiros a efectuarem um acto de conquista para obter as mulheres que o seu propósito carecia.

O autor utiliza este mito para tratar um tema que lhe é caro — o conflito de gerações —, para indicar como se pode ter dado a passagem da horda à tribo e para dizer, com muita singeleza, que a guerra, na sua origem, foi afinal um acto de amor. O tempo,

porém, encarregar-se-ia de demonstrar que esta beleza mítica iria sofrer profundas e lamentáveis desfigurações.

b. *Período Pré-Gâmico*

No período pré-gâmico (para usar o vocabulário de Toynbee) que vai do início da História, da consciência histórica, à viagem do nosso descobridor, a época mais importante foi certamente a da Revolução Agrícola, que surge no momento em que o homem coloca a primeira semente e se sedentariza.

Esta revolução lenta, de séculos, que pode considerar-se hoje terminada, vai fazer com que nómadas e sedentários partilhem a terra durante várias centenas de anos. São duas concepções de vida: aquele utilizando com simplicidade o que a natureza generosamente lhe oferece; este empregando o seu engenho e labor para tentar gradualmente dominá-la. São duas preferências geográficas: os nómadas inclinados para as massas continentais, sem barreiras — as grandes estepes; os sedentários procurando as zonas irrigadas e de meia montanha que mais facilmente lhes gratificam o trabalho. São, também, e principalmente, duas sociedades diferenciadas na sua organização e nos seus objectivos.

Os nómadas, carecendo de grandes espaços, porque a renovação cíclica da natureza é demasiadamente lenta para as suas actividades de rector e pastor, expandem-se e empreendem actos de conquista — necessitam da expedição militar. A chefia do grupo que era, inicialmente, uma gestão daquelas actividades, transforma-se numa direcção guerreira, com maiores riscos, levando a considerar e a praticar uma chefia hereditária que obvie aos problemas sempre graves do vazio de poder e das lutas sucessórias. A guerra, praticada com maior ou menor frequência, apresenta-se todavia como um acto ocasional e para a qual o homem utiliza aproximadamente os mesmos meios que emprega nas suas actividades pacíficas.

Os povos sedentários, necessitando para a sua sobrevivência dos produtos do solo, aplicam-se com denodo à agricultura, mas a posse do «agro» e dos bens que dele colhem, tornam mais clara e permanentemente a ameaça que sobre eles pende — é o risco do possuidor. Surgem então diferenciadas as funções do guerreiro e do agricultor,

procurando-se com o primeiro garantir a segurança e, com o segundo, providenciar o bem-estar. Mas, como sem o produto agrícola se pode, apesar de tudo, continuar a viver, e sem a segurança é provável que se deixe de existir, o guerreiro ganha um certo ascendente sobre o agricultor, de que ainda hoje se notam sequelas.

Dum modo geral, os objectivos da guerra, nesta época, estão intimamente ligados à obtenção de recursos materiais como o gado, as colheitas, os pastos e até os metais, e de recursos humanos relacionados com a procriação e o trabalho — mulheres e escravos. Daqui que nasçam, desde já, duas formas distintas de fazer a guerra: uma, expansionista, aquisitiva, ofensiva, procurando objectivos positivos; outra, de objectivo negativo, mais defensiva, procurando negar a alienação dos bens que se possuem.

Além da Revolução Agrícola, que parece ser o ponto alto deste período, convém também não perder de vista o que se passou nos referenciais técnico e político, porque eles nos ajudam a entender evoluções posteriores. Reportando-nos à Técnica e aos elementos essenciais do combate, verificamos o seguinte:

- No choque, no combate corpo a corpo, representado pelo golpe que dilacera a carne do adversário, o homem vai utilizar ao longo do período, quase que exclusivamente, a espada e a lança, ainda que procure aumenar a resistência das armas e o acerado dos gumes, através de melhores técnicas de utilização dos metais;
- Para a mobilidade, o homem usa a capacidade de se deslocar que a natureza lhe concedeu e utiliza o cavalo, como tracção ou montado; aumentando a sua ligação a este por melhoramentos introduzidos na sela, ser-lhe-á permitido, inicialmente, empregá-lo como uma «rampa móvel de lançamento de fogo» e, mais tarde, com a descoberta do estribo, como «transporte do choque»;
- A protecção, elemento que anula ou limita a acção destrutiva do adversário, evolui do couro ao metal, mas quando as armas inimigas a tornam pouco eficaz ou muito pesada, o homem aligeira-a, protegendo então mais intensamente as zonas vitais; um fenómeno semelhante pode ser visto, também, na protec-

ção colectiva, quando as grandes muralhas cedem lugar à protecção consistente de pontos nevrálgicos;

- O exercício do comando faz-se pela voz dos chefes, o que exige formações cerradas e, dum modo geral, efectivos relativamente reduzidos;
- Só o fogo, o combate à distância, assiste a uma evolução menos modesta, tendo-se passado da funda e da lança para o arco, de efeitos letais apreciáveis e, já no nosso milénio, para a besta e para a arma de fogo que o vão, lentamente, obsoletizando.

Quanto à evolução política sucedem-se no período aperfeiçoamentos notáveis no referente ao exercício do poder, originando um vasto leque de sistemas políticos e consequentes instrumentos de coacção, que podem ser considerados o germe dos actuais. Assim, vemos:

- Democracias e tiranias que dando ênfase ao «Bem Comum» ligam os cidadãos à defesa da «Cidade», tornando o serviço de segurança uma obrigação geral — é o despontar dos exércitos nacionais;
- Monarquias e oligarquias onde existe normalmente um núcleo militar ligado à direcção política por interesses ou por sangue, constituindo uma casta, que são complementados por efectivos não profissionais — esboçam-se os exércitos de estado;
- E os impérios, onde a um núcleo profissional, normalmente ligado ao centro de expansão, se juntam as forças auxiliares das terras conquistadas — são os exércitos imperiais.

É interessante notar que do fenómeno de aculturação do Império Romano com os bárbaros vão resultar dois exércitos nitidamente diferenciados. A Oriente guardou-se das tradições romanas a disciplina e a coesão e absorveu-se dos bárbaros o uso do combate pelo fogo e o cavalo, o que permitirá a Bizâncio, centro de ortodoxia religiosa, dispor de um exército heterogéneo (mas adaptado às ameaças que pressionavam o Império) e sobreviver até ao meio do nosso milénio. No Ocidente guardou-se de Roma a tradição do combate de bravura, pelo choque, mas foi-se buscar ao bárbaro a utilização do cavalo e uma certa indisciplina. Das ruínas do Império Romano do Oci-

dente emerge a cavalaria medieval, que ligada ao idealismo cristão vai ser instrumento da Igreja nas cruzadas, motivo de apologia do herói nas trovas e na literatura e razão de desaires em Crécy e Aljubarrota.

c. Período das Descobertas

O final do período anterior e os dois séculos que se lhe seguem são uma época de importantes descobertas que produzirão repercussões significativas na conflitologia.

O homem descobre que é agente do seu próprio destino, daí derivando novas relações com o «eu» e com o ambiente. O encontro com o «eu», uma quase revelação da sua capacidade de pensar e agir, está simbolizado no «cogito» de Descartes; o encontro com o mundo que o cerca, marcado por uma atitude de dúvida e conseqüente procura da verdade, tem o seu brasão no «dubito» que está na génese do espírito científico.

O homem descobre com estupefacção e amargura que não está no centro do universo, através das teorias heliocêntricas de Copérnico, Galileu e Kepler. Se esta descoberta representa um trauma, por destruir convicções antigas de «terra-centro-do-universo» (como alguém disse, o segundo trauma foi trazido por Darwin ao apontar a origem simiesca do homem e o terceiro por Freud, pela importância do inconsciente), mostra também que a astronomia conseguiu libertar-se da aquisição pelo sensível para atingir o patamar do inteligível e que, a verdade está, muitas vezes, para além daquilo que os nossos sentidos nos segredam.

Através da contribuição de Maquiavel e do impacto que tiveram as suas ideias, o homem político descobre (ou confirma) que pode e deve autonomizar a política da moral, na busca da eficácia política. Se a ideia de Maquiavel sobre a unidade política não é distante de uma certa visão organicista, o autor de «O Príncipe» consagra o chefe político como dirigente na guerra, o que está na letra de quase todas as constituições actuais; advoga que a defesa da «cidade» seja entregue aos seus cidadãos, como hoje é prática generalizada; e, com elevado pragmatismo que hoje infelizmente não caducou,

apesar de maquiavélico, diz-nos que «a guerra é justa quando necessária».

O homem descobre, também, através da epopeia lusíada, prosseguida por outros povos, que é possível vencer os mares e chegar a todos os lugares da terra, rasgar os antigos horizontes físicos e intelectuais, conhecer novas terras, novas gentes, novos produtos, novos comércios — enfim, novos mundos.

Com a utilização mais generalizada da arma de fogo o homem descobre um meio de matar com maior eficiência. Aliás, passou-se com a energia, na arma de fogo, o que tem sucedido com outras energias: ela é primeiramente utilizada com todo o seu poder destrutivo na guerra; depois, domesticada, vai ser utensílio de paz e de progresso. Foi assim com a energia muscular usada exuberantemente na luta e depois afeiçoada ao trabalho na Revolução Agrícola; foi assim com a arma de fogo (motor a 1 tempo) antepassado longínquo da máquina a vapor e do motor de explosão da Revolução Industrial; e assim, também, com a energia nuclear que, indomável em Hiroshima, se encontra controlada nas centrais nucleares, na Revolução que se esboça.

Por último, apesar de ter surgido precocemente em relação às outras, mas porque foi um elemento activo da propagação de todas, o homem descobre que o conhecimento e a ideia podem ser amplamente difundidos através da imprensa. Não é ainda a banalização que só nos nossos dias se vislumbra, mas já é a ultrapassagem do hermetismo conventual e da morosidade e falta de rigor da comunicação oral.

Descobertas tão importantes, forçosamente que teriam que revolucionar as relações entre os homens, as mentalidades, as maneiras de viver e morrer — a Paz e a Guerra.

A arma de fogo individual, substituindo a besta sem que tenha sido alterada a mão social que a empunha, permitiu ao plebeu e ao burguês derrubarem o cavaleiro feudal; a arma de fogo colectiva possibilitou ao rei destruir o castelo medieval. Logo, paralelamente com o florescimento burguês, a polarização feudal vai-se diluindo e o poder real fortificando; sugerem-se novas relações entre estes dois actores, o terceiro estado e o rei, num «contrato de sujeitos»; e, estabelecida esta ligação directa à realeza, desenvolve-se uma maior

consciência das nacionalidades. A guerra parece, portanto, estar evoluindo de uma pugna de Senhores para um negócio de Príncipes e para um confronto entre Nações.

Apesar da tendência de fazer coincidir com a unidade política a unidade religiosa, porque impera um elevado pragmatismo político, vemos multiplicarem-se as alianças profanas. É o turco que traz à França, além do sortilégio do Oriente, que Molière não se esqueceu de narrar, o braço armado contra o Império Católico e que coloca Lepanto na posição de última e anacrónica cruzada cristã; são as alianças para além das religiões na Guerra dos 30 anos, onde apesar disso a religião lhe concedeu a sua tonalidade de intransigência; e, no campo interno, o realismo de Henrique de Navarra, cabeça mais política que teológica, que abjura para conseguir o poder e a unidade da França, argumentando que «Paris vale bem uma missa».

Porque os equipamentos militares e os combatentes são caros e pagos pelo erário régio, devido ao desaparecimento do serviço de hoste, os efectivos do exército diminuem, procurando aumentar-se a sua eficácia por aperfeiçoamento das doutrinas e melhoria das organizações; porque as batalhas são raras, dada a preocupação de poupar e por haver dificuldade em destruir-se as forças adversas, por falta de mobilidade que permita explorar-se os sucessos dos confrontos, as guerras são prolongadas; por estas razões surgem com renovado vigor as formas de coacção não militares.

Nos canhões de Luís XIV lê-se: «ultima ratio regis». Esta frase pode ter a leitura estritamente militar, que sendo o canhão a arma mais poderosa, é com ela que o rei marca, em última instância, a sua vontade no campo de batalha; porém, sendo os canhões o símbolo da estratégia militar, poderá querer dizer-se que antes dela se devem aplicar as outras estratégias, o que por um lado limitaria os elevados custos financeiros da guerra e, por outro, agradaria às ideias que alguns pensadores apregoam, que os diferendos entre Estados e Soberanos devem ser resolvidos pela negociação — poupavam-se, deste modo, cabedais e consciência.

Uma maior utilização dos vectores não militares pode ser também um produto da época, como o Gongorismo na literatura e o Barroco na arquitectura, uma forma mais elaborada, neste caso, de fazer a guerra.

Por fim, mas não a última consequência, devido em parte aos nossos descobrimentos, «começa o tempo do mundo finito». É a «diáspora» do homem europeu que transporta consigo ideias, esperanças, angústias, técnicas e até conflitos sociais; é o choque de civilizações de tecnologias diferentes, que nos faz vir à memória o desaparecimento da cultura minóica pelo avanço dos povos metalúrgicos e nos coloca a difícil questão do que é realmente civilizar; é o começo do aumento exponencial da circulação, do comércio entre povos distantes, e também o incremento do «pagamento em espécie» (para utilizar este sinónimo de guerra, de Clausewitz); é o acentuar da separação entre potências continentais e marítimas que vai deixar marcas na maneira dos homens sentirem e pensarem e que é tão vivo na bipolaridade que hoje vivemos; e é a inversão da corrente civilizacional que faz com que passe a predominar o vento de Oeste, o que significa, usando uma imagem meteorológica, que a Europa se constitui num «centro de altas pressões».

d. *Período das Revoluções*

Neste período torna-se mais evidente a presença dos referenciais político e técnico decorrentes das revoluções francesa e industrial.

Com a Revolução Francesa assistimos: à mobilização ideológica de grandes massas humanas e ao fosso criado entre aderentes e resistentes; ao abalar das estruturas do velho edifício que vinham condicionando o homem há centenas de anos e ao renascer das instituições democráticas; ao grito de liberdade e justiça social que os tempos haviam suspenso ou reprimido.

Com a Revolução Industrial vemos: segundo Zamora, o homem dominar a natureza morta, enquanto na Revolução Agrícola se limitara a domesticar a natureza viva; a agudização dos problemas sociais, insuflar novo alento às tensões entre classes, dentro da mesma unidade política; a produção acelerada de bens, entre os quais se evidenciam os de consumo, proporcionar bem-estar aos que deles usufruem e mal-estar aos que deles carecem.

Esse desenvolvimento «vertical» teria, obviamente, reflexos significativos na guerra que, como fenómeno social, não é alheia a estas mutações.

Derivado deste ambiente, os conflitos adquirem um carácter fortemente ideológico que persiste ainda no nosso século. Da inicial defesa da França, no período da república coroada, contra aqueles que a queriam calar, em breve se passa à exportação das ideias revolucionárias; ultrapassadas as fronteiras do hexágono, dividem-se as opiniões no interior dos Estados, gerando guerras civis e incrementando as guerras entre os Estados.

De notar que a «bandeira» da Revolução, como previu Tocqueville, está na génese das principais ideologias que hoje se digladiam: nas democracias ocidentais privilegia-se a liberdade em detrimento da igualdade; nas democracias orientais, para impor a igualdade, sufoca-se a liberdade; a fraternidade, essa, procuram-na ambas na sua vocação ecuménica, na justificação do seu expansionismo, na sua tendência para a exclusividade. Aliás, esta tendência não se apresenta como novidade, porque já se pressentia nas religiões. Quando a liturgia descreve as palavras de Cristo quanto ao que é devido a César e o que é devido a Deus, é normal buscar nessa resposta um exemplo da sabedoria de Jesus em se libertar de uma pergunta-armadilha, ou uma indicação da dissemelhança dos bens materiais e espirituais, mas não se salienta que, ao dizer «A César o que é de César e a Deus o que é de Deus», Cristo foi claro em afirmar que César não é Deus. Transportado para as ideologias este carácter de exclusividade, seria natural que se reeditasse a Cruzada e que se tornasse difícil a coexistência pacífica entre sistemas ideológicos diferentes.

A mobilização ideológica das massas conjugada com a possibilidade técnica do fabrico em série permite forças armadas de grandes efectivos e significa, também, soldados baratos, motivados e com melhores equipamentos e armas. Daí que se vá diluindo a anterior preocupação de poupar e que a guerra se torne mais sangrenta.

A estratégia militar torna-se mais dependente da indústria e os não combatentes adquirem um valor acrescentado, pela sua capacidade de criarem bens necessários à guerra e pelo peso da sua vontade, do apoio ou desapoio que lhe podem dar. Não é igual o estado de espírito das populações que exaltam os voluntários dos primeiros anos da República e das que trauteiam, mais tarde, «les pauvres conscripts de 1810...».

Além deste panorama emocional, que certamente influenciou Clausewitz na definição trinitária, o desenvolvimento da indústria vai aguçar o apetite pelas matérias-primas de que se alimenta, justificando atitudes expansionistas e aumentando a interdependência dos Estados e a circulação de bens, o que dá realce à coacção económica e à componente marítima do potencial de guerra.

e. *O Nosso Século*

No lado esquerdo do portal da catedral de Reims está colocado, num nicho, o Anjo do Sorriso. Os habitantes da cidade dizem que é um cartão de boas-vindas àqueles que visitam a província de Champagne. No entanto, inquirimo-nos se o seu sorriso não será apenas resultante de ter visto, como Goethe, o desenrolar da batalha de Valmy, a primeira grande vitória republicana, que este interpretou como um sinal de que os tempos iriam mudar, mas que Wells explica pela disenteria que se apoderou das tropas de Brunswick, causada pelas uvas ácidas da região; se o sorriso do anjo não será derivado da alegria de ali ter visto assinada a paz da II Guerra Mundial; se ele não é uma solução de compromisso entre o riso e o esgar, procurando entender a razão pela qual os homens se matam tão frequentemente na planície europeia.

A Notre Dame, na capital administrativa, onde o poder é exercido, está corroída de poluição; a catedral de Reims, na capital sacra, onde o poder é recebido, desde o baptismo de Clovis, está corroída de depredações. Não muito longe está a igreja gótica de S. Jacques, com uns belos vitrais de Vieira da Silva. É que Reims esteve na linha da frente da I Guerra Mundial, o que nos faz crer que a civilização urbana, que criou a cidade para viver, degenerou, tudo servindo agora ao homem para morrer lutando.

Diz-se que após o grande conflito, um jornal suíço apresentou a notícia de que afinal o Arquiduque não morrera em Serajevo e perguntava porque tinham, então, morrido 10 milhões?! Apesar da notícia ser evidentemente falsa, a pergunta não deixa de ser perturbadora. A resposta mais simples é que foi a guerra, mas tentemos uma mais esclarecedora. É porque a política esteve em greve, só

aceitando uma paz ditada e não negociada e porque a técnica havia criado: as armas de tiro rápido, altamente letais; a telegrafia, que superando a antiga limitação da voz dos chefes, permitia o comando a longas distâncias de exércitos muito volumosos; a máquina a vapor que possibilitava os grandes movimentos estratégicos; e as «armas limpas», os gases, que não revolvem o solo de modo a impedir a manobra e têm efeitos mortíferos consideráveis.

Devido ao impasse do movimento no palco da batalha, motivado pela supremacia do fogo, e ao impasse da política nos bastidores, derivado da supremacia da paixão sobre a razão, procurou-se a usura e o aniquilamento do adversário. Raymond Aron dirá que «a guerra deslizou para a forma absoluta onde os beligerantes são incapazes de precisar a aposta política»; nós diríamos que a guerra deixou de ser um instrumento da política (no significado nobre do vocábulo instrumento, de meio para atingir um fim) e que a política passou a ser um instrumento da guerra (tendo a palavra, aqui, toda a carga pejorativa que se pode dar a um utensílio dócil e abúlico).

Finda a I Guerra Mundial, o Presidente Wilson tenta através da Sociedade das Nações evitar a repetição da tragédia, mas está em piores condições do que estivera o Papa, séculos atrás, como árbitro da Cristandade, por não dispor da excomunhão e do interdito e por haver na comunidade internacional uma manifesta desunião ideológica. Entretanto, a técnica reanima a manobra no campo de batalha, pelas melhorias introduzidas no carro de combate (este fizera a sua estreia em 1917) e pela utilização mais ampla da terceira dimensão: o avião a cotas positivas e o submarino a cotas negativas. Ideologicamente, como alguém referiu, destaca-se um triângulo em que cada um dos vértices estão imóveis, medindo os outros dois, comunistas, democratas e fascistas. Os comunistas vêem, nos outros, dois modos de ser capitalista; os democratas, ditaduras de duas cores; os fascistas, formas de decadência de grau diferente.

O teste laboratorial iria ser feito em Espanha.

Em Abril de 1937, Guernica, a capital espiritual da Biscaia onde Fernando e Isabel tinham jurado respeitar as liberdades do País, é destruída por um bombardeamento aéreo. Para que o não esqueçamos, Picasso eternizou-a. Entre outras interpretações, pode ser dada esta do seu famoso quadro: o touro e o soldado decapitado, mos-

tram a ferocidade da guerra ideológica; o cavalo de pescoço partido, indica-nos as novas armas, a importância da tecnologia na guerra; as mulheres, estão gritando que o flagelo não poupará, de futuro, as populações; os recortes de jornal, que se insinuam, é o impacto da propaganda que corrói; a cor, sombria, é o sombrio da guerra que se avizinha; o todo, é o aspecto total da guerra.

Segue-se a II Guerra Mundial com o seguinte epílogo:

- 40 milhões de mortos;
- Umhas Nações Unidas desunidas, onde domina uma oligarquia nuclear no Conselho de Segurança, bipolarizadas ideologicamente, separadas por fossos de bem-estar, tecnológicos, de disponibilidades de capital, e interdependentes na economia;
- Uma tecnologia em crescimento exponencial onde sobressaem o átomo na sua versatilidade (capacidade de destruir e construir, de gerar a segurança e o bem-estar, de fazer a paz e a guerra); o computador, banco de dados e acelerador de atitudes; o desenvolvimento da defesa anti-armas e o atraso da defesa anti-ideias, que sugerem uma grande capacidade defensiva militar e um elevado poder ofensivo ideológico; e o impacto e ambiguidade dos «mass-media», com possibilidade de libertarem o homem da ignorância, ou de o escravizarem.

3. CONCLUSÕES

a. *De Ordem Genética*

- Não fizemos a abordagem pela observação da evolução da violência, porque o «diálogo» entre os reis sumérios, há quatro mil anos, para a resolução dos seus diferendos, não é diverso daquele que hoje ouvimos aos grandes responsáveis políticos, nos momentos de tensão; e porque os massacres de Beirute, de 1982, não são muito diferentes de outros levados a cabo por Tamerlão na mesma área geográfica. Assim, parece-nos não haver uma alteração de natureza da violência, mas apenas variações de grau, oscilantes no

tempo, que nos situam hoje num ponto onde a letalidade das armas e a força das ideologias lhe emprestam um novo dinamismo.

- Apesar disso, há constantes e variáveis na guerra. Das constantes salientam-se:
 - O homem, nessa sua dialéctica entre intenções belicosas e desejos de paz e como agente histórico voluntarioso;
 - Certas normas que os beligerantes normalmente seguem, como a relação meios-objectivos, a liberdade de acção que procuram para tentar dirigir as acções de guerra, e o emprego que fazem das forças morais;
 - A importância da técnica que define em certos períodos armas dominantes (como foi a arma de tiro rápido em 14/18), que hoje poderão ser os mísseis antimanobra, os helicópteros, as armas nucleares, ou mesmo os «mass-media», no âmbito da coacção psicológica;
 - A força e persistência das ideologias, do combate e do acaso;
 - A presença de várias formas de coacção.

Das variáveis sublinham-se o homem, pela sua constante evolução e mistério que ainda o envolve, o estado da técnica, a maneira como se manifesta o acaso e o peso variável atribuído às diversas formas de coacção.

- A crermos na hipótese de Gaston Bouthoul, a guerra coincidiu várias vezes com rituais que indicavam a passagem do profano ao sagrado. Admitindo que há hoje uma maior consciência dos horrores da batalha, que apontam para que se considere a paz como um bem sagrado, será a guerra a viragem do sagrado para o profano?
- Clausewitz disse-nos que na guerra não há uma «lógica» mas apenas uma «gramática». Se atendermos às doutrinas sociológicas de Max Weber e Pareto, a relação meios-fins, normalmente seguida, imprime à guerra a sua racionalidade e a sua lógica. Porém, como a história nos mostra que, quase sempre, um dos adversários, no mínimo, calculou mal essa relação, permanece a falta de lógica do confronto dos dois.

b. *Do Espectro Nuclear*

- Da guerra limitada e pequena guerra, num movimento de expansão, evoluiu-se para a Grande Guerra Mundial; da Grande Guerra Mundial passou-se à Paz Nuclear, que significa, também, e com maior permanência, a guerra limitada e a pequena guerra (guerrilha). Parece então possível dizermos que além de fechado o ciclo, a guerra, que foi ausência de paz, se transformou na paz com permanência de guerra.
- A evidência do quase impasse da manobra militar em grande escala, causado pelo facto nuclear, e o acrescentado impacto dos «mass-media» convida à acção sobre a retaguarda, numa manobra (já conhecida da Revolução Agrícola) de destruição das culturas, entendendo-se «cultura»... só que os nómadas do nosso tempo se chamam ideologia e capital.
- As sociedades saídas da Revolução Agrícola privilegiaram uma atitude defensiva de preservação do espaço; as sociedades saídas da Revolução Industrial privilegiaram uma atitude expansiva, de obtenção de matérias-primas; na revolução que se esboça, nuclear, telemática, tecnológica, que parece visar primordialmente o homem, que atitude se privilegiará? De defesa do «homo sapientissimus» pela conquista das mentes dos homens não atingidos pela revolução? Ou, o que poderá ser talvez uma bela utopia, procurar-se-á a harmonização das diferenças entre estes homens?

c. *Do «Apocalipse»*

- Da guerra resultante de vontades opostas chegou-se a uma situação de oposição, mas de vontades concorrentes de paz, pela maior consciência da possibilidade do «apocalipse». O antigo medo de destruição da orbe de origem teológica ou desconhecida, foi substituído pelo actual medo de destruição de origem antropológica e conhecida. Assim, vimos evoluir a guerra como «ratio» para a guerra como «ultima ratio», mas caso o homem venha a utilizar as armas nucleares, a guerra poderá ser a primeira e talvez a última «irratio».

- Apesar de oscilações no tempo, mas também resultante de aumentos demográficos, assistiu-se a um crescimento vincado de efectivos militares na guerra. Mas é, teoricamente, pensável, mercê da tecnologia e do controlo político estreito das armas nucleares, que um conflito maior volte a ser um combate singular, cujos actores seriam os chefes políticos das superpotências.

António Eduardo Q. Martins Barrento

Tenente-coronel

Professor no IAEM